

“Levo a minha equipe, boto na rua, faço campanha. Mas só me pagando”. As táticas de voto na população migrante da Baixada ao conjunto habitacional

Cláudia Maria Arantes de Assis Saar¹

Roberta Scheibe²

Este resumo expandido relata, em linhas gerais, a investigação sobre como acontecem as táticas de negociação de voto entre os candidatos e as famílias residentes no conjunto habitacional popular Mestre Oscar Santos, localizado no bairro Ipê, em Macapá/AP, em torno de 10 quilômetros longe do centro. As averiguações referem-se às eleições para governador e deputados, nos pleitos de 2014 e 2018.

Estas famílias migraram para o conjunto habitacional de modo forçado porque foram vítimas de um incêndio ocorrido em outubro de 2013 no seu lugar de moradia – uma favela de casas construídas sobre áreas alagadas de proteção ambiental, chamada de Baixada Perpétuo Socorro, onde residiam aproximadamente 250 famílias. Destas, 100 famílias migraram para o Oscar Santos, numa população em torno de 1080 pessoas.

Para compor os procedimentos metodológicos, nos utilizamos dos critérios da observação participante e da incursão etnográfica sugerida por Isabel Travancas (2014) e Gustavo Velho e Karina Kuschmir (2003). Do ponto de vista teórico e conceitual é uma verificação sociocultural, sobre as noções de tática e comunicação no lugar de moradia de Vera da Silva Telles (2007).

Os moradores, ao negociar o voto, estão inseridos em novas conexões de redes sociais, em que territórios, espaços, e dinâmicas sociais se redesenham. Os eleitores se revelam racionais, negociando o voto em troca de favores habitacionais – melhorias no conjunto e nas suas casas; financeiros – como benefícios sociais e o pleito a uma verba financeira doada para a compra de eletrodomésticos, além da doação da casa existente no conjunto habitacional; burocráticos – com a viabilização de documentos; e humanitários – principalmente na área da saúde, com agendamentos de consultas médicas.

A noção de tática resulta em uma atitude engenhosa de um indivíduo que se coloca como um praticante de um lugar e de um espaço. Geralmente são ações para um benefício individual ou coletivo

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, docente no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, líder do grupo de pesquisa COMERTEC – Comunicação, Mercado e Tecnologia. E-mail: claudiamaria@unifap.br.

² Jornalista, Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora da Universidade Federal do Amapá. Participa do grupo de pesquisa COMERTEC – Comunicação, Mercado e Tecnologia. E-mail: robertascheibe@gmail.com.

(De Certeau, 2003). Estas não foram previamente combinadas em detalhes, mas os moradores aproveitaram eventos sociais governamentais para se manifestar e exigir as suas necessidades, que foram muitas vezes ignoradas ou negligenciadas pelos órgãos públicos em períodos que não correspondiam à campanha eleitoral. É necessário elucidar que os moradores, neste período, viveram uma nova configuração de lugar de moradia em suas vidas, já que o pertencimento era voltado para a vida de anos na Baixada. Nos dois períodos eleitorais eles viveram momentos de instabilidades, medos e estigmatizações.

A tática principal deste grupo foi usar eventos oficiais para dramatizar, ou agilizar uma performance (Goffman, 2012) cujo objetivo era realizar protestos a fim de conseguir ajuda financeira. Outras táticas estavam relacionadas a obter dinheiro extra para o mês, cestas básicas e empregos para a família. Por fim, os votos da casa foram divididos entre todos aqueles que de fato cumpriram suas exigências.

Há, portanto, uma “política do cotidiano” (Paulino, 2011, p.111), no sentido de observar a realidade como um campo de possibilidades de poder, que se oscilam entre diferentes momentos do cotidiano. A vida real – e a conduta do voto – tornam-se negociáveis, em busca de um poder simbólico ou até mesmo concreto, que revelam uma realidade de ordem econômica desigual.

Assim, a decisão do voto perpassa pela posição de cada indivíduo na estrutura social e econômica do local em que vive. É neste sentido que Kuschner introduz o conceito de “táticas de manipulação política” (2007, p.16), onde todas as culturas possuem táticas de negociações cotidianas. As relações de poder estão embrenhadas nas relações sociais, que, por sua vez, são intercambiadas. Todas estas ações revelam um eleitor negociador, onde a ordem e o poder estão sempre prestes a se alterar.

Palavras-chave: Socioantropologia; memória social; incursões etnográficas; comunicação; Amapá

Referências

- CERTEAU, M. (2003). A invenção do cotidiano: a arte de fazer. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, E. (2012). Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KUSCHNIR, K. (2007). Antropologia da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.
- PAULINO, A. G. L. (2011). Lugar e poder simbólico em Riacho Doce. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, UFC, v.42, n. 1, jan/jun. Pp. 110-128.
- TELLES, V. S. (2007). Deslocando o ponto da crítica: indagações a partir de realidades urbanas em mutações (anotações inconclusas de um percurso de pesquisa). Revista de Estudos Universitários (Sorocaba), v. 33, p. 13-28.

